



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11544 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

### O BRINCAR DAS CRIANÇAS INDÍGENAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA E A BNCC

Brenda Maria Alves Cordeiro - UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

Marta Coelho Castro Troquez - UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### O BRINCAR DAS CRIANÇAS INDÍGENAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA E A BNCC

O brincar pode ser definido como uma maneira de a criança assimilar e interpretar o mundo ao seu redor, sendo, de acordo com Vygotsky (1991), uma atividade fundamental para o desenvolvimento da autonomia, inteligência, personalidade e identidade infantil. Quando brinca, a criança tem acesso aos valores, tradições, hábitos e normas que refletem o modo de agir e pensar do grupo social em que está inserida.

É possível apontar diversos benefícios que o brincar possibilita, dentre eles: o estímulo aos processos de linguagem; a sociabilidade; a cognição; e as habilidades motoras. Ao brincar a criança reinterpreta o mundo de uma maneira própria, utilizando-se da imaginação para atribuir significados, sentidos, expressando-se e construindo sua identidade e seu aprendizado.

Compreendendo que a criança aprende ao brincar, este deve ser percebido como uma prática pedagógica, um recurso capaz de tornar a rotina escolar mais atraente e os conteúdos mais prazerosos. Segundo Teixeira (2010, p. 44), o “brincar é fonte de lazer, mas é, simultaneamente, fonte de conhecimento; é esta dupla natureza que nos leva a considerar o brincar como parte integrante da atividade educativa”.

No que diz respeito às crianças indígenas, segundo Clarice Cohn (2005), as brincadeiras e o brincar têm papel fundamental na compreensão de mundo e da cultura onde

estão inseridas. Para Barros (2012, p. 81),

[...] o brincar na prática pedagógica da criança indígena, pode ser um conteúdo importante para promover o seu desenvolvimento, levando em conta que este processo de desenvolvimento é mediado por situações imaginárias, instrumentos simbólicos de diferentes significados e ações, os quais permeiam a experiência acumulada da criança a partir de sua inserção e aprendizado na interação social dentro e fora da aldeia.

De acordo com Seizer da Silva (2016) por mais que o brincar tenha um caráter recreativo, e que venha a contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças indígenas, seu significado vai muito além, ele é

[...] um fio que agrega, constrói e elabora a identidade étnica, que através do afeto se conta e reconta os saberes cosmológicos e a cosmovisão que nos orienta no tempo/ espaço indígena e por isso o brincar não tem tempo cronológico, nem idade (é eterna atividade exploratória); ocorre em diversos espaços – kipóheôti; veyotiyúku; yonotikavâne; kasa'irikitipaxíxi respectivamente, lavar roupa no rio, pegar lenha, ir à roça e virada de fruta – são atos de brincar. (SEIZER DA SILVA, 2016, p.170)

Considerando a importância do brincar no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças indígenas, torna-se fundamental que ele seja percebido como uma atividade essencial a ser desenvolvida na escola indígena, e que esta ofereça espaços para as crianças terem liberdade de criar, inventar, experimentar e imaginar.

Inserido numa pesquisa de mestrado em andamento que busca compreender o lugar do brincar na educação escolar indígena, este trabalho, de cunho bibliográfico e documental, tem como objetivo verificar como o brincar está posto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e se o documento contempla a especificidade do brincar da criança indígena.

A BNCC (2017) é um documento curricular de caráter normativo, que define um conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que devem garantir o desenvolvimento das dez competências e dos direitos de aprendizagem de toda criança, indicados pelo documento.

Ao longo da Educação Básica – na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio –, os alunos devem desenvolver as dez competências gerais da Educação Básica, que pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2017, p.25).

A BNCC (2017) coloca a criança como o centro de sua aprendizagem, como um/a sujeito/a ativo/a e de direitos. Descrevendo-a como um “ser que observa, questiona, levanta

hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos” (BRASIL, 2017, p.38), se apropriando dos conhecimentos por meio da ação e das interações com o mundo.

Na etapa da Educação Infantil, o documento indica seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil, os quais são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, e dois eixos estruturantes das práticas pedagógicas, que são: as interações e as brincadeiras, “experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização” (BRASIL, 2017, p.37).

Para Albuquerque, Almeida e Carvalho (2020) no documento da BNCC o brincar é abordado como uma “experiência favorecedora da aprendizagem e do desenvolvimento na educação infantil” (p.106), tornando-se uma eficaz ferramenta na garantia dos direitos de aprendizagem, possibilitando que a criança possa representar, reproduzir, criar e transformar o real, socializando, interagindo e ampliando sua função física, cognitiva e afetiva.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, 2017, p.37).

Percebe-se que a BNCC coloca o brincar como resultado do relacionamento das crianças umas com as outras, da interação destas com os/as adultos/as e também consigo mesmas, podendo vir a ocorrer tanto em casa como na escola. Apontando que é função das instituições de educação infantil e dos/as professores/as em suas propostas curriculares, utilizarem-se do brincar para ampliar as aprendizagens e conhecimentos das crianças.

No ensino fundamental, o ato de brincar enquanto prática pedagógica fica quase que exclusivamente reservado ao componente curricular da Educação Física. O brincar se faz presente também em outros componentes curriculares, como o de História, Geografia, Língua Portuguesa, e Artes, porém, não tanto pelo ato de brincar em si, mas, pela sua estruturação, como na compreensão das regras no estudo da língua portuguesa, na verificação das semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras de diferentes épocas e lugares no estudo de história e geografia, dentre outros.

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, busca-se ampliar as experiências com o espaço e o tempo vivenciadas pelas crianças em jogos e brincadeiras na Educação Infantil, por meio do aprofundamento de seu conhecimento sobre si mesmas e de sua comunidade, valorizando-se os contextos mais próximos da vida cotidiana. Espera-se que as crianças percebam e compreendam a dinâmica de suas relações sociais e étnico-raciais, identificando-se com a sua comunidade e respeitando os diferentes contextos socioculturais. (BRASIL, 2017, p. 362).

No que diz respeito à educação escolar indígena, a BNCC propõe auxiliar na superação da fragmentação das políticas educacionais voltadas para esta modalidade de ensino, por meio de competências específicas, tendo como base os

[...] princípios da coletividade, reciprocidade, integralidade, espiritualidade e alteridade indígena, a serem desenvolvidas a partir de suas culturas tradicionais reconhecidas nos currículos dos sistemas de ensino e propostas pedagógicas das instituições escolares. Significa também, em uma perspectiva intercultural, considerar seus projetos educativos, suas cosmologias, suas lógicas, seus valores e princípios pedagógicos próprios [...] e suas referências específicas, tais como: construir currículos interculturais, diferenciados e bilíngues, seus sistemas próprios de ensino e aprendizagem, tanto dos conteúdos universais quanto dos conhecimentos indígenas, bem como o ensino da língua indígena como primeira língua. (BRASIL, 2017, p. 17 - 18).

Sobre o brincar das crianças indígenas, no componente curricular de Artes, a BNCC reconhece em suas habilidades as brincadeiras de outras matrizes estéticas e culturais e indica como uma de suas competências: “Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas[...]” (BRASIL, 2017, p. 198). No componente curricular de Educação Física, o documento indica que as brincadeiras e jogos tradicionais indígenas são importantes para a valorização cultural dos povos indígenas, uma vez que

[...] as brincadeiras presentes na memória dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, que trazem consigo formas de conviver, oportunizando o reconhecimento de seus valores e formas de viver em diferentes contextos ambientais e socioculturais brasileiros. (BRASIL, 2017, p. 215).

Consideramos que a BNCC explora o brincar e seus benefícios com maior profundidade na etapa da Educação Infantil, porém, nesta etapa, não faz referências às brincadeiras tradicionais dos povos indígenas ou sobre a especificidade da educação infantil na educação escolar indígena. No Ensino Fundamental, por mais que questões como os modos próprios de contar, cantar, dançar dos povos indígenas sejam abordadas, o brincar tradicional dos povos indígenas é pouco abordado, não considerando todo o potencial do brincar das crianças indígenas enquanto ferramenta eficaz na construção do conhecimento, valorização cultural e transmissão de saberes em todas as áreas do conhecimento.

Por mais que o documento indique que cabe aos municípios e às escolas elaborarem/reelaborarem seus currículos de acordo com a BNCC, de acordo com o contexto de cada município e escola, há um silenciamento no documento nacional sobre questões específicas da educação escolar indígena, uma vez que segundo o IBGE (2010) o Brasil é um

país com mais de 305 povos indígenas, somando aproximadamente 896.917 pessoas. Isso denuncia que o documento não considera de forma apropriada os modos indígenas de ser, de aprender, de viver, e de brincar.

Os resultados preliminares da pesquisa apontam que o brincar tem seu lugar na BNCC relacionado à criança e à infância em geral e, no que diz respeito à especificidade indígena, a questão carece de aprofundamento.

**Palavras-Chave:** Brincar. Brincadeiras. Crianças indígenas. BNCC. Práticas pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G. F. O; ALMEIDA, I. N. S. DE; CARVALHO, V. D. R. A Concepção Do Brincar Na Base Nacional Comum Curricular. **Revista Multidebates**, Palmas - TO, v.4, n.2, p. 105 - 113, 2020.

BARROS, J. L. C. **Brincadeiras E Relações Interculturais Na Escola Indígena: Um Estudo De Caso Na Etnia Sateré-Mawé**. 2012. 167f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Metodista De Piracicaba, Piracicaba – SP, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC Versão Final**. Brasília: MEC, 2017.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 2005.

IBGE. **Características gerais dos indígenas**. Censo demográfico, Brasil, 2010.

SEIZER DA SILVA, A. C. **KALIVÔNO HIKÓ TARENÔE: Sendo criança indígena Terena do/no século XXI - vivendo e aprendendo nas tramas das tradições, traduções e negociações**. 2016. 183f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS, 2016.

TEIXEIRA. S. R. de O. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: wak, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.